



A narrativa diante do espelho: aspectos metalinguísticos do Jornalismo Literário em "Entre o Deus e a Vasilha"

Lilian Juliana Martins¹

Universidade Estadual Paulista - Unesp, Bauru.

Resumo: Em 1985, o escritor e jornalista Antonio Callado fez uma grande reportagem sobre os conflitos agrários no Pontal do Paranapanema, em São Paulo. "Entre o Deus e a Vasilha", que narra a disputa de terras entre grileiros e famílias assentadas no local, apresenta estratégias discursivas que podem ser exemplares do Jornalismo Literário, entre eles a assunção da subjetividade e a autorreferencialidade. Neste artigo, pretende-se analisar os protocolos jornalísticos que são explicitados pelo narrador-repórter e como a utilização de recursos metalinguísticos pode ampliar a percepção de sentido do texto.

Palavras-chave: jornalismo literário; Antônio Callado; reportagem; metalinguagem, reforma agrária.

1. O repórter é chamado ao palco dos acontecimentos

São Paulo, 1985. Depois de 21 anos de ditadura militar, o Brasil entra no período de redemocratização. No extremo oeste do território paulista, o Pontal de Paranapanema está a ponto de explodir. Um conflito agrário entre centenas de famílias assentadas na região e grileiros com títulos de propriedades falsificados acendeu o alerta das

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp - Bauru). Formada em Jornalismo e Mestre em Comunicação Midiática pela mesma universidade. E-mail lilian.juliana@gmail.com

Secretarias de Agricultura, Promoção Social e Justiça do estado de São Paulo e da Companhia Energética de São Paulo (CESP).

Tudo começou quando a CESP, para a construção de uma hidrelétrica, inundou pequenas propriedades rurais na região. Sem indenização e alternativas para moradia, 415 famílias sem-terra - com cerca de 1.200 crianças - ocuparam as margens da rodovia SP-613 por meses. Depois de 90 dias de negociações entre os camponeses e o governo, foram desapropriados 15 mil hectares para cessão de uso, arrendamento ou projeto de produção de alimentos dos camponeses. Ao primeiro grupo foram incorporadas outras 350 famílias que também tinham sido expulsas de suas terras pela logística irresponsável da CESP. No total, perto de 800 famílias estavam sendo ressarcidas minimamente pelo estado e conquistando seu direito à terra.

Mesmo assentadas, as famílias não estavam tranquilas. Os supostos proprietários das terras desapropriadas - grileiros que teriam falsificado títulos de propriedade sobre o território que pertencia legitimamente ao estado - estavam ameaçando os camponeses. Os latifundiários se defendiam dizendo que os "invasores" eram bandidos e conduziam uma "grande caminhada de subversão" e "hordas guerrilheiras de Cuba e El Salvador"². Os fazendeiros anunciaram que estavam se armando para lutar contra os "comunistas". A fagulha de reforma agrária que parecia ter se acendido no Pontal estava a ponto de incendiar a região e fazer vítimas, principalmente do lado dos camponeses.

Como explicar para a opinião pública o que estava acontecendo? A CESP sugeriu: uma reportagem de Antonio Callado poderia ajudar. É que o jornalista e escritor tinha se tornado uma referência na cobertura sobre conflitos agrários desde que, no final da década de 50, fez uma série de reportagens para o *Jornal do Brasil* sobre as ligas camponesas no Nordeste. A importância de seu trabalho jornalístico sobre o assunto foi tamanha que o jornalista Wilson Figueiredo costumava dizer que foi Callado quem lançou a pedra fundamental da reforma agrária no Brasil: "As Ligas Camponesas que se

² Tais definições foram dadas, segundo Callado (1985, p.22-23), pelos fazendeiros Enio Pepino e Plínio Junqueira Júnior, e pelo advogado Daniel Schwenck.

espalhavam pelo Nordeste ganharam nas suas mãos identidade política nacional e fundaram descendência" (FIGUEIREDO in CALLADO, 2010, p. 9)³.

Quando recebeu o convite da CESP, Callado não escrevia uma reportagem há anos. Romancista consagrado, escritor de *Quarup* (1967) e *Reflexos no Baile* (1976), dedicava-se à escrita de *Concerto Carioca* (1985), livro que seria publicado no mesmo ano. Apesar de ter se afastado do jornalismo, o tema da reportagem sugerida pela CESP lhe era caro. Decidiu aceitar. Com quase 70 anos de idade, pegou seu bloco de anotações e partiu da cidade do Rio de Janeiro, onde morava, com destino ao interior de São Paulo com um objetivo traçado: compreender e reportar o conflito agrário que estava colocando em risco a vida de camponeses.

Publicada em forma de livro, a grande reportagem "*Entre o Deus e a Vasilha: Ensaio sobre a reforma agrária brasileira que nunca aconteceu*" (1985) faz parte do corpus da tese "*Antonio Callado jornalista: a narrativa da grande reportagem e o ideal do Brasil possível*" (2018), escrita pela autora deste artigo. A tese está fundamentada na identificação das estratégias discursivas das reportagens, que podem ser associadas à definição de jornalismo literário (JL)⁴.

Baseamos nosso conceito de JL na concepção que Tom Wolfe traz em *Radical Chique e o Novo Jornalismo* (2005). Apesar de não designar suas reportagens como Jornalismo Literário, Wolfe enumera as características de textos como os seus que, posteriormente, começaram a ser identificadas como JL. São essas as características enumeradas por Wolfe: o registro minucioso de gestos de personagens; a descrição de costumes, hábitos, detalhamento espacial para caracterização de um evento narrativo; a presença de diálogos; e a construção cena a cena. Para a pesquisadora Mônica Martinez, estaria aí uma definição-guia para a compreensão de textos que podem ser designados como JL: "Talvez não haja, em todo arcabouço teórico e prático escrito sobre Jornalismo Literário, aula mais magna do que esta, que expõe de forma clara e cristalina as técnicas fundamentais que transformaram um texto comum em uma sofisticada narrativa jornalística à moda do JL. (MARTINEZ, 2016, p. 38)

³ A frase de Wilson Figueiredo aparece na apresentação do livro *Esqueleto na Lagoa Verde*, edição de 2010, publicada pela Companhia da Letras.

Na tese, para além dessas características, nosso interesse se debruçou em identificar principalmente as seguintes estratégias usadas pelo narrador-repórter: assunção da subjetividade, autorreferencialidade e literariedade⁵. O caráter metalinguístico, proposto como chave de análise deste artigo, conecta-se com duas dessas estratégias: assunção da subjetividade (quando o autor não esconde suas percepções sobre a realidade vivenciada e reportada) e a autorreferencialidade (a presença do repórter é evidenciada na narrativa). Vejamos como esses elementos estão presentes na reportagem "Entre o Deus e a Vasilha".

2. O narrador-repórter faz suas escolhas metalinguísticas

Antes de nos debruçarmos na análise, é válido compreender por que chamamos a instância narrativa da reportagem de narrador-repórter. Reis e Lopes (2007) explicam que o autor de uma narrativa não pode ser confundido com seu narrador.

Jaqueline Martins, que escreveu a tese *O autor e o narrador nas tessituras da reportagem* (2016), em outro texto sobre o assunto nos auxilia na compreensão sobre a diferença entre as duas instâncias usando como base a literatura: "Na literatura, por exemplo, é visível que o autor é aquele que cria/elabora e assina a obra. Este autor pode adotar inúmeras perspectivas para contar uma história, eis o narrador." (MARTINS, 2017, p. 98). Nas reportagens, de forma bastante didática, as categorias se colocariam da seguinte forma: o autor é O jornalista (o repórter) e o narrador é a instância que o jornalista escolhe para narrar a reportagem.

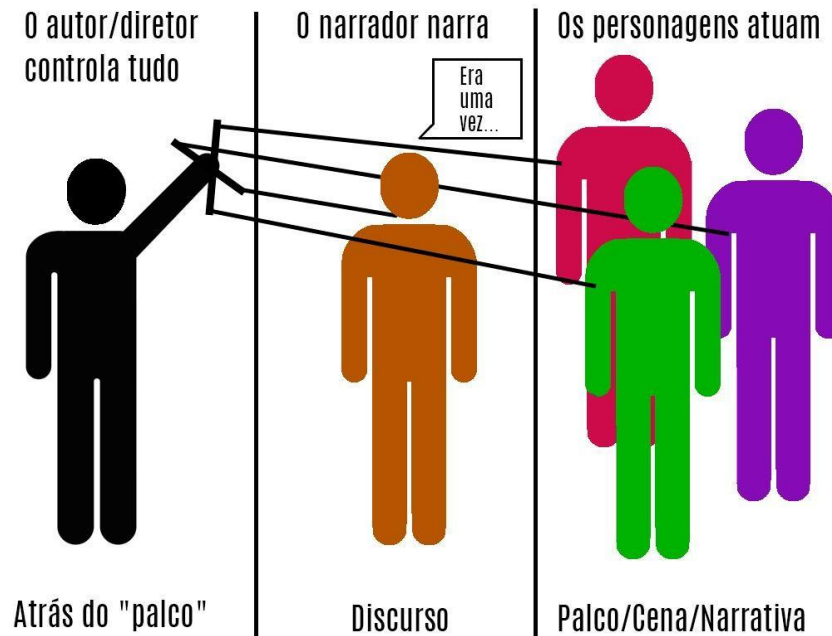
Em seu modelo de análise de reportagens categorizadas como jornalismo literário, Cecília Aare (2016) prefere chamar esse autor (jornalista) de diretor. Isso porque, como em um filme, o autor maneja todos os elementos da narrativa (AARE, 2016, p. 108). Baseado na narratologia, seu modelo de análise se desenvolve a partir da interação de três instâncias: o diretor, o narrador e as experiências dos personagens (nas reportagens

⁵ A literariedade não será trabalhada nesse artigo. A título de esclarecimento o termo, que é baseado nos estudos dos formalistas russos, está associado à estratégia narrativa que opera a ampliação e a multiplicidade da significação a partir das palavras e expressões utilizadas pelo autor para construção semântica do texto (MARTINS, 2018, p. 161).

em primeira pessoa, a experiência do repórter também é considerada uma experiência de personagem).

Aare (2016) enfatiza que mesmo nas reportagens narradas pelo repórter em primeira pessoa, o narrador que narra a história é escolhido pelo diretor ou autor implícito. A imagem a seguir (figura 1), adaptada de uma ilustração presente no artigo de Aare (2016), explica de que forma se dá a atuação do diretor/autor na reportagem.

Figura 1: Esquema explica a diferença entre autor/diretor, narrador e personagens.



Fonte: Adaptação e tradução da ilustração de Cecilia Aare (2016, p. 109)

Essa categorização nos ajuda a compreender que Callado, como autor, faz uso de um narrador que coloca em evidência as experiências do repórter e também deixa explícitos os caminhos da tessitura da reportagem que, em muitos momentos, torna-se metalinguística. Evidentemente, essa escolha narrativa está vinculada à produção de sentido desejada pelo autor. No caso da reportagem sobre o conflito de terras no Pontal do Paranapanema, tal produção de sentido está associada, como veremos, ao engajamento do narrador-repórter com a causa dos camponeses em busca da terra ocupada.

3. A conversa com o leitor

Esta é a citação que abre a reportagem "Entre o Deus e a Vasilha": "Um artista pode moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer dele, à vontade, uma vasilha ou um deus... tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha" (CALLADO, 1985, p. 7). Escrito por Eça de Queirós, o trecho está presente na carta que o escritor português envia ao amigo brasileiro, Eduardo Prado, em 1888. A citação, que será retomada no final da narrativa, é um prenúncio do tipo de enquadramento que Callado escolhe fazer para contar sobre o caso no Pontal de Paranapanema.

Com base no conflito de terras da região, o narrador-repórter faz um ensaio sobre a reforma agrária no Brasil, que, como fica em destaque já no intertítulo da reportagem, "nunca foi feita". A narrativa, que começa na demarcação das fronteiras do Brasil quando o país ainda era colônia de Portugal, conduz, desde o princípio, a tentativa de o narrador-repórter mostrar como a divisão de terras brasileiras é desigual e opressora com o pequeno camponês desde sua gênese. Vejamos um dos trechos onde aparece essa constatação:

Dos tempos em que o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias até o dia de hoje, o princípio que tem norteado nossa política de ocupação da terra é o direito divino da propriedade. Concentradas as grandes extensões de terra em poucas mãos, nada, nem a abolição de escravatura, conseguiu alterar o dado básico. Ainda hoje, as grandes propriedades representam apenas 2 por cento do total de estabelecimentos rurais do país, mas cobrem 56,7 por cento das áreas cultiváveis. Ocupam apenas 7,5 por cento da mão de obra rural e produzem menos da metade da safra, mas recebem 12 vezes mais ajuda financeira do que os pequenos proprietários.

Nunca chegamos a nada que se parecesse com uma reforma agrária, isto é, uma distribuição democrática das terras agrícolas entre a massa dos lavradores da terras agrícolas, dos que realmente lavram o chão e não são filhos de algo, de alguém, de fidalgos. (CALLADO, 1985, p. 39).

Dito isso, vejamos agora como o caráter metalinguístico da reportagem colabora para a construção da noção geral sobre o assunto que o narrador-repórter quer apresentar e também sobre a importância de projetar a voz dos camponeses na luta pela terra.

Já no assentamento, Callado entrevista Moisés Simeão de Oliveira, um dos camponeses líderes do movimento que culminou na desapropriação de terras da região para que 800 famílias fossem assentadas.

Figura 2: Callado conversa com Moisés na escola do assentamento.



Fonte: Figura disponível em Arruda (2013, p. 181)

A fotografia (figura 2) em destaque não aparece no livro "Entre o Deus e a Vasilha". Disponível na fotobiografia organizada por Ana Arruda Callado (2013), esposa do escritor, a foto nos auxilia a compreender a interação entre repórter e personagem que é descrita no trecho da reportagem:

Moisés Simeão tem 30 anos de idade, pouco mais de metro e meio de altura, uma determinada cara de caboclo e foi com um sorriso que disse, quando lhe perguntei se sabia ler e escrever, que tinha feito até a oitava série. Estávamos conversando, no interior da construção da principal Gleba, em momento nada propício a entrevistas. Pouco mais de uma hora antes tinha desabado em toda aquela área de famílias recém-assentadas um tremendo temporal, com ventania e chuva de pedra. Não houve vítimas, na Gleba, mas uma parede da escola tinha cedido, o quadro-negro tinha sido derrubado, e se espalhavam

pelo chão cadernos molhados, lápis e uma colorida pasta de giz encharcado. Moisés Simeão, que tem espírito de líder e que um contratempo como aquele estimula e impele à ação, me deu atenção, vendo que eu anotava o que ele falava e que provavelmente eu tinha suficiente prestígio para publicar em algum lugar o que ele dizia. Mesmo assim voltou dentro de pouco aos afazeres, prometendo me escrever uma carta. (CALLADO, 1985, p. 14)

A narrativa segue e, adiante, o narrador-repórter conta que a promessa do camponês foi cumprida: "Dias depois chegava às minhas mãos, no Rio, a carta que Moisés datava de 'Projeto Emergência Gleba XV de Novembro' [...]"(CALLADO, 1985, p. 14). A partir daí, a narrativa sobre a história do assentamento é contada por meio dos trechos da carta de Moisés. Mais à frente, o narrador-repórter, que se autorreferencia na narrativa, comenta sobre essa decisão: "Acontece que eu ia apenas transcrever umas poucas linhas da carta de Moisés Simeão e acabei me deixando levar por ela. Prometo que vou, em seguida, dar ordem às coordenadas geográficas e mais alguma informação que ponha ordem no relato" (CALLADO, 1985, p. 17).

Percebemos esse caráter metalinguístico, no qual o discurso assume as marcas de da enunciação: narra-se a ação do repórter que busca informações, investiga, tece reflexões, comentários e preocupação com uma abordagem que "ponha ordem no relato". A narrativa, portanto, explicita o processo produtivo-discursivo da construção da narrativa.

Em outro trecho, um mesmo exercício discursivo acontece. Vejamos:

Alguns de vocês que me leem podem estar achando que andei coligindo material demais, e até descobrindo mutirões assassinos, com o exclusivo propósito de dramatizar uma reportagem encomendada pela Cesp para explicar os assentamentos feitos no Pontal do Paranapanema, zona Oeste de São Paulo, onde reinava uma paz de cemitério, até o governo paulista meter o bedelho e começar a fazer lá uma reforma agrária.

Cabe informar, preliminarmente, que o governo do estado de São Paulo não fez no Pontal nenhuma reforma agrária [...].

O governador Franco Montoro não usou, e não podia usar no Pontal, o Estatuto da Terra. Manteve-se dentro da Constituição e as terras que desapropriou foram pagas pelo estado em dinheiro.

Em segundo lugar, às pessoas de boa fé mas de índole conservadora, avessas a conceitos como o de 'desapropriação', eu aconselharia que fizessem a própria viagem ao Pontal do Paranapanema. Me informaram que a situação de miséria e carência das populações do Vale do Ribeira é igual, ou ainda pior, mas basta a visita ao Pontal para convencer qualquer brasileiro que,

mesmo no estado de São Paulo, o esmagamento do lavrador brasileiro é, por excelência, o crime que cometemos contra nós mesmos, contra o país. E acrescentaria que São Paulo, pela pujança econômica e sua maturidade mental, tem a estrita obrigação, diante de um problema fundamental como esse, de se erigir em exemplo, em padrão de comportamento para o resto do país. (CALLADO, 1985, p. 55-57)

O trecho - que se alonga em explicar porque a decisão tomada pelo governo Franco Montoro em desapropriar as terras em benefício dos camponeses não foi considerada reforma agrária⁶ - também se apresenta como uma ponderação do narrador-repórter sobre como, apesar de estar produzindo a reportagem a pedido da CESP, não conduziu a reportagem de forma a defendê-la. O narrador-repórter quer deixar claro que o excesso de documentos e casos citados durante a reportagem não objetiva endossar o mérito do que foi feito no Paranapanema. Para que o leitor se convencesse disso, mesmo o leitor "de índole conservadora", bastava fazer uma visita ao assentamento.

Essa conversa com o leitor sobre a feitura da reportagem aparece durante toda a narrativa. O autor parece querer deixar explícito, por meio de suas estratégias narrativas, qual produção de sentido deseja para a leitura de seu texto.

É curioso se atentar ao fato de que, mais de uma vez, o narrador-repórter pede para que os possíveis leitores conservadores acompanhem a narrativa. Para isso, por exemplo, decide usar os Estados Unidos como referência histórica quanto à distribuição de terras igualitária. Logo no começo da reportagem, o anúncio de que o país símbolo máximo do capital será citado como exemplo de reforma agrária é feito assim:

Linhas adiante vamos ver, comparando com a política de terras dos Estados Unidos (**nada de exemplos socialistas, nada de subversão**), como temos sido cegos e avarentos diante da sábia e humana munificência dos norte-americanos. No Brasil, até hoje, falamos em 'invasores' de terras como se

⁶ Na reportagem, o narrador-repórter conta que Antônio Candido de Paula, um desapropriado que entrou com um processo contra o estado, alegou que o governador Franco Montoro estava agindo inconstitucionalmente, na medida em que a definição de zonas para a reforma agrária era de competência da União. A alegação foi destituída de sentido por dois juízes, Jarbas Macedo de Camargo Pentead e Sobral Pinto. Os juristas indicaram que o arazoado não passava de "uma distorção dos fatos no sentido de quere modificar o espírito e a finalidade do decreto de expropriatório, que tem por objetivo a reorganização das atividades produtivas, para tentar fazer crer que o governador deseja proceder à reforma agrária da zona em questão". (in CALLADO, 1985, p. 56). Ou seja, pelo próprio caráter legislativo, as desapropriação não foi considerada ação associada à "reforma agrária" mas sim uma "reorganização das atividades produtivas" da região.

Moisés, por exemplo, fosse de fato um invasor, vindo de outro país. Se um grupo não fincar pé disposto a tudo, inclusive a morrer de fome, erguendo o estandarte do 'daqui não saio, daqui ninguém me tira', a propriedade da terra no Brasil continuará se concentrando. (CALLADO, 1985, p. 17, grifo nosso).

O trecho também deixa em evidência como o narrador-repórter se ampara em seu *ethos* de jornalista para apresentar seu posicionamento sobre o assunto. Para que a subjetividade do autor possa ser assumida, ele se ancora, antes, em parâmetros factuais, objetivos.

É como se, depois de dizer que reuniu provas, documentos e entrevistas (e que vai usar como exemplo até mesmo os Estados Unidos) - o narrador-repórter se legitimasse para defender a ocupação (a palavra "invasão" é ideologicamente contestada)⁷ dos camponeses em terras improdutivas. Com tais recursos metalinguísticos - ou metanarrativos, como poderíamos dizer⁸, - o narrador-repórter parece estabelecer um contrato de transparência com o leitor-enunciário.

4. Provocações finais

Essa narrativa que se coloca no espelho, que deixa explícitos os caminhos que percorreu para ser construída, também encontra exemplos em tantos outros fragmentos da reportagem. Mas, já com vias de fechamento da análise, nos fixemos um pouco mais na menção à carta que Eça de Queirós envia ao amigo brasileiro. Nela, a metáfora sobre o Brasil ter transformado a questão da terra "em vasilha" é explorada na análise do narrador-repórter nos capítulos de fechamento da reportagem.

Depois de esmiuçar vários trechos da carta do escritor português, Callado comenta:

⁷ É interessante notar que, ainda hoje, a grande mídia brasileira faz uso da palavra "invasão" para desqualificar a ocupação de terras improdutivas por trabalhadores rurais associados ou não ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

⁸ Marcelo Bulhões (2007) usa recursos metanarrativos como sinônimo de estratégias metalinguísticas para identificar o trabalho textual do narrador-repórter que evidencia o caminho de sua construção narrativa na própria reportagem.

O Eça, como se viu, passou em Eduardo Prado um pito ao descobrir que o Brasil tinha sido privado por suas classes dirigentes do direito natural à infância. O pobre do Eduardo tinha tanta culpa disso quanto qualquer um de nós, ou tinha exatamente a culpa que teremos todos nós, gente que teve infância, que teve instrução - **como eu, que escrevo, como você que me lê** - e que no entanto permite que o Brasil continue sendo essa mísera vasilha. (CALLADO, 1985, p. 65, grifo nosso).

Novamente, a preocupação sobre como se escreve e como o conteúdo é recebido aparece na narrativa. Dessa vez, o narrador-repórter assume a culpa e convoca o leitor-enunciário a também perceber sua responsabilidade sobre o Brasil. Mais uma vez, o comportamento metanarrativo, no qual a forma como se dá condução da narrativa e sua possível leitura é referenciada, está a serviço da produção de sentido desejada pelo autor.

No parágrafo seguinte, o narrador-repórter completa: "É claro que ilustres vozes brasileiras têm protestado através dos tempos contra a injustiça maior de nossa sociedade, que é a que cometemos contra o homem do campo. Mas nos falta ânimo de *mudar*." (CALLADO, 1985, p. 65, grifo do autor).

Esse último trecho, associado à análise das estratégias discursivas, nos permite dizer, portanto, que há em "Entre o Deus e a Vasilha" um chamado de Callado. Por meio do seu narrador-repórter, que não poucas vezes coloca sua narrativa no espelho, o escritor e jornalista questiona seus leitores e os convoca à ação. Os trechos finais da reportagem apresentam-se como um pedido para nossa urgente tomada de consciência como nação. Só assim - resgatando a metáfora de Eça de Queirós que dá nome à reportagem de Callado - conseguiremos deixar de fazer vasilhames de barro e poderemos, finalmente, moldar um deus, um país abundante, pleno em suas potencialidades e com oportunidades para todos.

Ao interpretar as considerações finais de sua grande reportagem, poderíamos dizer que são estas as perguntas que o narrador-repórter coloca para seus leitores: até quando vamos permitir que o Brasil continue condenado ao estado de mediocridade? Quando, finalmente, passaremos do protesto à ação?

Segundo resultado do último Censo Agropecuário⁹, publicado em outubro de 2019, já sob o governo de Jair Bolsonaro, o Brasil registrou¹⁰ um aumento na

⁹ Pequenas propriedades ocupam só 2,3% das terras usadas para produção agropecuária. Brasil de Fato. Disponível em: <<https://cutt.ly/tdBfVbA>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

concentração de terras no país. Quase metade de toda a área agrícola é ocupada por apenas 1% das propriedades. Na outra ponta, pequenos proprietários, donos de terras com até 10 hectares, ocupam somente 2,% do total das terras destinadas para o cultivo.

Percebemos que, passados mais de 35 anos, a última reportagem de Callado continua lamentavelmente atual. Ainda estamos produzindo nossas torpes vasilhas.

Referências

AARE, Cecília. A Narratological Approach to Literary Journalism: How an Interplay between Voice and Point of View May Create Empathy with the Other. **Literary Journalism Studies**, Toronto, Ontario, Canada, v. 8, n.1, p. 107-139, Spring 2016.

ARRUDA, Ana Callado. **Antonio Callado**: fotobiografia. Recife: Cepe, 2013.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CALLADO, Antonio. **Entre Deus e a Vasilha**: Ensaio sobre a reforma agrária que nunca aconteceu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Esqueleto na Lagoa Verde: ensaio sobre sumiço e vida do coronel Fawcett**. Antonio Callado; posfácios Davi Arrigucci Jr., Maurício Stycer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2016.

_____. O narrador na reportagem: uma estratégia do autor. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCINI, Fabina Quatrin (Orgs). *Narrativas Midiáticas Contemporâneas. Perspectivas Epistemológicas*. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 98-110.

MARTINS, Lilian Juliana. **Antonio Callado jornalista**: a narrativa da grande reportagem e o ideal do Brasil possível. Bauru: Unesp, 2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Edições Almedina, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁰ Censo Agropecuário: Disponível em: <<https://cutt.ly/edBf4vM>>. Acesso em: 08 ago. 2020.